

A mais sólida e consistente função de sempre da Arquitectura é a construção dos lugares de relação dos homens uns com os outros, com a natureza, com os outros seres e as coisas. E onde espaço, tempo, movimento não são dados como conceitos absolutos... (Manuel Tainha)

Com Manuel Tainha, encontrei uma visão da Arquitectura construída através da interrogação permanente sobre a sua prática, a sua ética e poética, uma “arquitectura em questão”. A prática do ofício fez-se acompanhar pelo exercício resistente do pensamento, da escrita e do ensino, atravessando seis décadas da história de Portugal, de meados do século XX até ao novo milénio.

IN MEDIAS RES não nasceu com a intenção de realizar um *catalogue raisonné* da extensa obra de Manuel Tainha, ou um documentário de observação do “arquitecto no trabalho”. O filme é resultado de um encontro, de longas e inspiradoras conversas gravadas entre 2010 e 2012, da procura de uma correspondência cinematográfica com a palavra e o pensamento do arquitecto, um diálogo com a sua ética e poética, e com a imprescindível inquietação de nunca acreditar no mundo ou no conhecimento como produtos finais e encerrados.

Que tipo de meio é que nós queremos para a nossa espécie? Foi preciso que muito se tivesse escrito, pintado, filmado, narrado, sonhado e efabulado, para que da noção filosófica, una e abstracta, a noção de Meio se convertesse em factos sensíveis.

Apresentar, descrever e fundamentar projectos é prática comum dos arquitectos, mas escrever, para Manuel Tainha, é algo mais, é “outro modo de agir”, de questionar o ofício. Tainha foi um dos arquitectos da sua geração que mais constantemente se dedicou à escrita, renovando permanentemente a sua reflexão sobre a função e a prática da Arquitectura. *Construir porquê? As coisas passam-se como se construir fosse um acto cego do destino e não do desejo.* A modernidade e o confronto com ela foram construídos tanto pela edificação de casas manifesto, como pela criação de um novo vocabulário para uma nova sensibilidade. Manuel Tainha participou em tudo quanto de mais relevante aconteceu na arquitectura portuguesa da segunda metade do século XX, foi um atento protagonista do debate disciplinar em Portugal, com as suas aulas e conferências, os seus escritos, a célebre revista Binário, de que foi fundador e director entre 1958 e 1959, e as sucessivas publicações. Ao lançar pontes entre o arquitecto e o mundo, procurou o entendimento do que é a Arquitectura e do que esta pode vir a ser.

“Factos sensíveis”, ou como pensar e construir lugares onde os homens vivam e se encontrem, cultivando a relação com o real, em toda a sua complexidade. *Poesia não é fuga à realidade, nem extravio, evasão ou adorno, e muito menos será um valor acrescentado à arquitectura. É pelo contrário uma maneira de penetrar no real, de o conhecer quando outra maneira não há de o fazer, científica ou filosófica.*

Dialogar com a arquitectura de Manuel Tainha implica não rimar apenas com o desenho, o espaço e a luz, mas também com o movimento, o tempo e a vida que a habitam. O pensamento e as palavras de Manuel Tainha marcam o tempo e os compassos do filme, questionando, continuando a afirmar uma responsável solidariedade da prática e da teoria, o valor da experiência arquitectónica como formativa da sensibilidade, e a sua relação com as Artes, a Memória, o Tempo.

À partida existiu um encontro, a escolha de três textos e três obras que me permitiram abarcar diversos tempos do largo percurso profissional do arquitecto. Filmei obras mais antigas, projectadas e construídas entre finais dos anos 50 e os anos 70, que voltaram às mãos de Manuel Tainha para a sua requalificação e ampliação, corridos mais de quarenta anos. É o caso da Pousada de Santa Bárbara, em Oliveira do Hospital, que aguarda o arranque das obras de requalificação, e da Escola dos Olivais, filmada durante as obras de ampliação (hoje Escola Secundária António Damásio). E a Casa Gallo, casa privada projectada em finais dos anos 60 em São Pedro de Moel, hoje em dia visitada por numerosos estudantes e investigadores da arquitectura moderna em Portugal. E, para além destas, as Piscinas do Tamariz e a estação Alameda do Metropolitano de Lisboa, lugares de frequentação e memória pública, com a vida a completar o seu carácter. A forma e a estrutura narrativa do filme revelaram-se ao longo das aproximações à obra em construção, à obra habitada e à obra “musealizada”, no encontro com o homem e o pensamento.

Adensaram-se as correspondências, e o cinema, a literatura e a música, tornaram-se frequentemente âmbito das conversas com o arquitecto: as páginas de Italo Calvino, cenários humanos edificados por todos os nossos sentidos, a música de Béla Bartók, a modernidade em diálogo com o vernacular, a maçã magritiana e a traição das imagens, o cinema de Eisenstein e as modernas dinâmicas da visão, ou a sequência do *thriller* de Basil Dearden, com a sequência dos cientistas e da pavorosa experiência do isolamento e anulação de todos os sentidos.

Do século XX, Tainha convocava autores e linguagens que o inspiraram na relação dialéctica com a modernidade, no inquérito à arquitectura popular, na preeminência da dimensão ética e perceptiva do facto arquitectónico, na noção do habitar “de corpo inteiro”, refutando a primazia das imagens no lugar das coisas, dos desenhos no lugar das casas. No filme, procurei que as fontes de inspiração e o pensamento tomassem corpo, que as imagens e os sons nascessem da intensidade das conversas com o arquitecto, no tempo descontínuo da escrita, da palavra e da memória. *Tal como as palavras, as imagens não existem previamente, antes se vão criando, umas atrás das outras à medida que se compõe e decompõe o discurso.*

A arquitectura vive o duplo estatuto de documento e acontecimento, mas arrisca-se por vezes a emudecer nas memórias e representações oficiais. Entre a visão dos especialistas e a opinião pública, entre a estrutura e o

acontecimento, o facto arquitectónico não se esgota na construção da obra, inclui imaginários diversos, todos os elementos da Arquitectura incorporam tempos diferentes. Não quis trabalhar uma tradução em imagem que unificasse, que ordenasse a obra, a diversidade dos desenhos, dos tempos, das negociações, dos valores, dos usos, das recepções e significações pelas quais a forma de uma obra arquitectónica sempre transita. Nem procurei uma representação cinematográfica exaustiva da obra de Manuel Tainha. O Cinema, o encontro com o homem e a escrita, a percepção e leitura dos lugares, foram uma extraordinária oportunidade para dialogar com uma ideia de Arquitectura que, extremamente inspiradora, convoca toda a complexidade do real, matéria sensível da Arquitectura, bem como do Cinema.

Dedico este filme a Manuel Tainha, que com interesse e enorme generosidade o tornou possível.

Luciana Fina

DV transcrito para
BETACAM digital cores
e preto e branco, 72min
Portugal 2013

argumento e realização
LUCIANA FINA a partir
dos textos de MANUEL
TAINHA imagem JOÃO
RIBEIRO, LUCIANA FINA
montagem OLGA RAMOS,
LUCIANA FINA, som
OLIVIER BLANC, ARMANDA
CARVALHO colorista,
MARCO AMARAL mistura
de som ELSA FERREIRA
estúdio de pós-produção
SUNFLAG

arquivos: fotografias
família Tainha, atelier
Manuel Tainha, Fernando
Bagulho, Gil Moreira ; RTP
Programas e noticiários
1966 -1978, "Sonhos e
Armas" Cinequanon 1974 ;
"The Mind Benders",
Basil Dearden 1962;
"HOPPLA!" - ROSAS 1989,
realização Wolfgang Kolb,
coreografia Anne Teresa
De Keersmaecker , músicos
Walter Hus, Stefan
Poelmans, Mondriaan
Quartet
música BÉLA BARTÓK,
Mikrokosmos, Quarteto de
Cordas N.4 , Quarteto de
Cordas N.2, N.5, Sonata
para Violino Solo

produção LAFstudio |
LUCIANA FINA apoio à
pré-produção
DUPLACENA apoio à
divulgação TRIENAL
DE ARQUITECTURA DE
LISBOA , ORDEM DOS
ARQUITECTOS
co-produção RTP apoio
financeiro FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

24 MAIO, 18H00
AUDITÓRIO DO
MUSEU DE PORTIMÃO

IN *MEDIAS* *RES* NO MEIO DAS COISAS

um documentário de Luciana Fina
sobre o pensamento e obra
do Arquitecto Manuel Tainha

